

ThÉRÈSE,

GUERREIRA DA SAGRADA FACE

“Thérèse, warrior of the Holy Face”

Karla Lidiane Costa Martins Silva*

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra**

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir sobre a relação entre o sagrado e a arte na pesquisa encampada pela artista-pesquisadora Karla Lidiane Costa Martins Silva, acerca do mito Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, em andamento, no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Da busca pela experiência com o divino para além dos muros do convento que frequentava, a autora encontra no teatro um solo fértil para uma alquimia entre as forças do sagrado e a arte, recriando-as e articulando-as. Lança-se mão da *Mitodologia em Arte* e da *Artetnografia*, práticas/conceitos capitaneados pela Prof. Ph.D. Luciana Lyra (UERJ), que, por sua vez, estão ligados aos campos da *Antropologia da Experiência (Antropologia da Performance)*, do antropólogo Victor Turner, e da *Antropologia do Imaginário*, do sociólogo Gilbert Durand, que em si transitam acerca de ritos de passagem, da imagem, do mito e do ritual.

Palavras-chave: Sagrado; Arte; Ritual; Mito; Mitodologia em Arte; Performance.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the relationship between the sacred and the art in the research which by the artist-researcher Karla L.C. Martins Silva, about Saint Teresa of the Child Jesus and of the Holy face myth, in progress, in the program Masters, Stricto Sensu-Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, The search for the divine experience beyond the walls of the convent to which you linked, the author is in the theater a fertile soil for an alchemy between the forces of the sacred and the art, by recreating them and articulating them. The research was based on the *Mythodology in Art* and the *Artethnography*, practices/concepts upheld by Prof. Ph.D. Luciana Lyra (UERJ), which, in turn, are connected to the fields of *Anthropology of Experience (Anthropology of Performance)*, led by anthropologist Victor Turner, and *Anthropology of the Imaginary*, led by sociologist Gilbert Durand, which by their turn involve rites of passage, image, myth and ritual.

Keywords: Sacred; Art; Ritual; Myth; Mythodology in art; Performance.

Antes de mais nada, convido você a atravessar o portal que me levou à guerreira da sagrada face, a quem chamo de *Thérèse*. Transito em meio ao sagrado, aquele que faz parte do todo da vida e que a vida traz em si, concomitantemente, os medos, os mistérios e a necessidade de os descobrir e os acalentar. Para Rudolf Otto o sagrado é como “uma força, que por um lado engendra temor, mas por outro tem um poder de atração, ao qual é difícil de resistir”. (1992, p.187).

Do contato com o livro *Teresa de Lisieux 1873-1897 - Aventura de um grande amor*¹, no ano de 1998, fui tomada pelo desejo de investigar a minha própria trajetória, desvelando pontos de contato com uma ancestralidade, ainda desconhecida, ou melhor, não reconhecida como tal. Reconheço, neste trajeto, um estado liminar² e avanço frente ao portal de acesso à minha mitologia pessoal, ancorada na mística que envolve as palavras da jovem Marie Françoise Thérèse Martin.

Nascida em 02 de janeiro de 1873, na cidade francesa de Alençon, Thérèse, aos 4 anos de idade, ficou órfã de mãe e cresceu sob os cuidados do pai e das irmãs. Aos 15 anos, depois de forte empenho junto à comunidade religiosa, teve o seu pedido aceito para ingressar no Carmelo de Lisieux, onde já duas irmãs a haviam precedido. Tinha como

modelo ideal de vida consagrada Joana d'Arc³, guerreira francesa que lhe inspirava coragem no campo de batalha do amor divino, era o seu mito-guia⁴. Teresa era a Joana carmelita ofertada a ser “holocausto do amor misericordioso de Deus” (JESUS apud STOCKER, 2000, p. 128).

Durante os nove anos de vida consagrada, relegada à estrita clausura, a Irmã Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face⁵, deu o seu testemunho de pobreza, renúncia e sacrifício, tendo em mente a salvação das almas através da oração. Faleceu, em 1897, em decorrência de uma tuberculose. Poucos anos depois, em 1925, teve a sua canonização proclamada pelo Papa Pio XI.

A mística que envolve o mito da Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada face, como ficou conhecida no Brasil, atravessou o tempo e se fez morada na camada mais profunda do meu ser, fazendo brotar uma rosa singular em cor e perfume. Para Gilbert Durand, a mística significa: “[...] ‘construção de uma harmonia’, na qual, ‘se conjugam uma vontade de união e um certo gosto pela secreta intimidade [...]’ (apud PITTA, 2005, p. 29-30)

Era o anúncio do meu mito-guia, que seguiria no front comigo. Na jornada despontava, encorajando-me à experiência como vocacionada⁶, na Congregação das Irmãs Franciscanas do

Sagrado Coração de Jesus, em Recife, Pernambuco.

A força do mito a que me refiro perpassa:

[...] histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos. (CAMPBELL, 1990, p.05).

Não se tratava apenas da busca pelo sentido da vida que me permitia ser guiada pelo o mito da santa e aceitar o chamado religioso, mas pela experiência do se sentir viva e em comunhão com o espírito e o corpo.

Entrelaçada a crenças e temores, acesso o mito Santa Teresinha do Menino Jesus, antes e depois de sua entrada no Carmelo, tendo como fio condutor os seus manuscritos autobiográficos, publicados após a sua morte.

Por conseguinte, os escritos da santinha despertaram em mim o desejo de investigar a minha própria trajetória, os meus vínculos familiares e a influência destes na minha jornada. Ao passo que descortinava a sua história, identifiquei pontos de contato com uma ancestralidade, ainda desconhecida, ou melhor, não reconhecida

como tal. Descobri, em meio a tantas aparentes coincidências, que estava intimamente ligada à minha tia Neli, que enquanto freira se chamava Irmã Teresinha de Jesus e foi a responsável por presentear-me com o livro *Teresa de Lisieux – Aventura de um grande amor*. Comungar da vida religiosa, para mim, foi o viés encontrado para dar vazão aquilo que eu não conseguia expressar em palavras. Como quem ouve o chamado e sem hesitar diz ‘Sim, estou à porta e peço entrada!’. Assim o fiz, na Congregação Franciscana enquanto vocacionada, buscando o exercício do amor pelo simples, cultivado pela Irmã Teresa. Por conseguinte, mergulhei no desconhecido iniciando um verdadeiro rito de passagem.



Imagem 1: Teresa em julho de 1896. Fonte: Visages de Thérèse de Lisieux (vtl), edições do Ofício Central de Lisieux.

Segundo Arnold Van Gennep (1977), os ritos de passagem são entendidos segundo três principais pontos, podendo variar dependendo da compreensão dos autores, mas que essencialmente segue essa lógica: a separação, quando o sujeito do ritual se separa de suas antigas regalias e deveres

para com seu meio social; a transição, o momento liminar, central na transformação ontológica dos indivíduos; e a incorporação, ou reincorporação a um novo estado de responsabilidades a ser desempenhado. Posteriormente, este sistema, se desdobra no que Victor Turner (2013) intitula de drama social composto por ruptura, crise e intensificação da crise, ação reparadora e desfecho.

Não obstante, a vida religiosa, na prática, se revelou para mim como um campo árduo e cheio de pedregulhos, muito semelhantes ao que Irmã Teresa descreveu em seus manuscritos. Ao longo da experiência como vocacionada trafeguei pelas supracitadas etapas defendidas por Turner, tendo como ponto de partida o deslocamento do meio cotidiano para o convívio com as Irmãs religiosas – a ruptura, até se estabelecer a crise e a sua intensificação quando confronto uma disparidade entre os princípios do amor ao próximo e à sua aplicação, dentro e fora da casa religiosa. Por conseguinte, me vi inspirada a romper com os muros daquele convívio na casa religiosa, a fim de viver o sagrado que pulsava em mim, para além das convenções ali presentes. Fui em busca de uma forma mais autêntica de viver as crenças que me aproximavam do amor, do bem, do sagrado.

Vi-me, pouco depois, tomada pelo calor da cena, do palco, da plateia. Reconheci o meu trajeto me deixando transbordar em arte. No teatro me

refugiei e fiz morada, numa verdadeira relação de entrega, que culminou com a minha entrada na Licenciatura em Artes Cênicas (2008), pela Universidade Federal de Pernambuco.

Dado o processo de separação, liminaridade e reincorporação, hoje adentrar no universo Teresiano, enquanto pesquisa de mestrado, reafirma a arte como elo de um eu (des)conhecido, ao passo que reconheço a força transgressora da Irmã Teresa, quando se desnudava das vestes da freira carmelita e corporificava o seu mito-guia Joana d'Arc em pequenas encenações, durante as recreações piedosas⁷, e me coloco como instrumento de investigação dos filamentos que atravessam a arte e o sagrado.

[...] lendo a narração dos feitos patrióticos de heroínas francesas, mormente da Venerável Joana d'Arc, sentia grande desejo de imitá-las. Parecia verificar em mim o mesmo ardor, de que estavam animadas, a mesma inspiração celestial. Recebi, então, uma graça que sempre tomei como uma das maiores de minha vida, pois nessa idade não recebia, como agora, as luzes em que estou imersa. Cuidava que nascera para a glória, e como procurasse um meio de alcançá-la, o Bom Deus inspirou-me os sentimentos que acabo de descrever. Fez-me, outrossim, compreender que minha glória característica não apareceria aos olhos dos mortais, consistiria em tornar-me grande Santa!!! (JESUS, 1986, p.24)

Por tudo que foi exposto, *Thérèse* se revela a quem se permite atravessar o portal da razão,

em detrimento de algo ligado ao imaginário, às pulsões do instinto. Como tocar o sacrário e transformar em discurso poético? Acredito que, ao lançar mão do conceito *máscara ritual de si mesmo*, elaborado pela Profa. PhD. Luciana Lyra, na construção do trabalho cênico sobre o mito da santa, encontro condições de potencializar a relação entre arte e sagrado, friccionando-os.

Sobre a máscara ritual, Renato Cohen assinala: “O performer, enquanto atua, se polariza entre os papéis de ator e a ‘máscara’ da personagem. [...] quando o performer está em cena, ele está compondo algo, ele está trabalhando sobre sua ‘máscara ritual’ que é diferente de sua pessoa do dia-a-dia. (2013, p. 58). Lyra (2005) inclui a terminologia *de si mesmo*, apontando assim o procedimento de atuação sob a máscara ritual de si mesmo, rompendo com o advento da interpretação e se aproximando estreitamente da vida. Tal ideia integra o complexo da *Mitodologia em Arte*, defendido por Lyra (2010), que se traduz em procedimentos de cunhos ritualísticos e míticos, que visam estimular a eclosão de pulsões pessoais dos artistas, aperfeiçoando o pluralismo das imagens colhidas nas experiências ditas *artetnográficas*, e da *Artetnografia* que se traduz pela operação de entrelaçamento entre eus (artistas) e contextos de *alteridades* (comunidades).

Tais conceitos estão ligados à Antropologia da Experiência, do antropólogo Victor Turner, e à Antropologia do Imaginário, do sociólogo Gilbert Durand⁸, que em si trafegam acerca dos ritos de passagem, do sagrado, do mito e do ritual. Afirmo Lyra (2010) que com inspiração primeiro na ideia de Mitodologia, nomeada por Gilbert Durand (1990), a Mitodologia em Arte lida com forças pessoais que movem o atuante na relação consigo mesmo e com o campo artetnografado, num processo contínuo de retroalimentação.

De acordo com Lyra, da perspectiva durandiana e seus predecessores estudiosos do imaginário:

[...] o ser humano tem uma vocação mitológica e ritualística, performática, como também aponta Victor Turner em seus estudos sobre a Antropologia da Experiência. Há assim uma necessidade vital da imagem e da experiência, uma herança de mitologias, que se põe à prova pelo rito. Desse ponto de vista, o símbolo permite estabelecer o acordo entre o eu e o mundo. (2014, p.177).

Em consonância com as ideias de Turner (2005), no âmbito da Antropologia da Experiência, Lyra aponta ainda que:

[...] o ator de f(r)icção, que atua sob a máscara ritual de si mesmo, é aquele que inventa uma realidade que, é, concomitantemente, espontânea e refletida, condensa o condicionamento sociocultural, fixado culturalmente e o eu, a ação sobre si mesmo, a autoconsciência. O ator

de f(r)icção vivencia suas próprias imagens, seu trajeto antropológico, que estão inevitavelmente atreladas ao trajeto antropológico de sua cultura original. Desta perspectiva, o ator de f(r)icção inscreve-se na história como grande motor de criação no teatro. Sua voz, sua presença corpórea, suas pulsões individuais, suas identificações combinadas alquimicamente dão matéria às máscaras, que vem a manifestar o sentido das coletividades. Trata-se, assim, de fazer atuar a consciência sobre a inconsciente; de despertar a inconsciente natureza criadora de forma consciente, alcançando, dessa forma, uma criação superorgânica, superconsciente. Em cena, com Joana lutava com meus medos e oponentes”. (2011, p.312, grifo da autora).

É importante registrar que da pesquisa desenvolvida por Lyra foi montada uma performance Joana In Cárcere (2005), que parte do mito Santa Joana d’Arc, mito este que guia a Irmã Teresa na vida religiosa e artística, e me conduz a um lugar de f(r)icção, entre o visível e o invisível, entre o conhecido e as futuras descobertas.

Para o alimentar as pulsões da presente investigação, lanço mão da monografia (2003), dissertação (2005), tese (2011) e relatórios de pós-doutorados (2013 e 2015) de Lyra, que atuarão como bibliografia base para o desenvolvimento da pesquisa, que por sua vez trazem em si outras iluminações acerca do campo do mito, rito e imaginário em questão, como as pesquisas desenvolvidas por Arnold Van Gennep, Victor Turner, Richard Schechner Gaston Bachelard,

Carl Jung, Gilbert Durand, Danielle Rocha Pitta, Joseph Campbell, Clifford Geertz, John Dawsey. Em relação ao processo de criação cênica, reflexões de Antonin Artaud, Jerzy Grotowski, Eugênio Barba, Constantin Stanislavski, Renato Cohen, traçarão convergências que permitam estabelecer um processo de preparação do ator.

Retornar ao mito da santa, que se fez presente em toda a minha trajetória, é propor a descoberta da complexidade que está imersa no, aparentemente, simples. Estou certa de que é na força de Teresa, a guerreira do Sagrada Face, que encontro a alma de minha mitologia pessoal me conectando a tantos outros mitos, entre eles o de Joana d’Arc. Celebro esta mística junto à antropóloga Danielle Rocha Pitta⁹ (2005), quando transcorre sobre a visão durandiana acerca do imaginário que:

[...] pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe. (DURAND apud PITTA, p.15, 2005, grifo nosso).

ADENTRANDO NO SACRÁRIO

Thérèse, guerreira da sagrada face se apresenta em cinco capítulos (portais) intitulados de acordo com as graduações da formação

religiosa de uma freira¹⁰. Ao longo dessa tessitura, que se encontra em desenvolvimento, apresento uma escrita na primeira pessoa do singular, em tom confessional, estabelecendo pontes com a estrutura de drama social (ruptura, crise e intensificação da crise, ação reparadora e desfecho), defendida por Victor Turner. Segue:

- **Portal Aspirantado: no desvelar das guerreiras**

Neste primeiro portal, tomo os *descansos*¹¹ desvelados durante as vivências *mitodramáticas*¹², dos laboratórios da pesquisa, como mapa da viagem rumo ao centro nevrálgico de minha mitologia pessoal em consonância com os manuscritos autobiográficos da santa.

- **Portal Postulantado – reconhecendo o trajeto**

O segundo portal corresponde ao instante em que assumo a arte como via de acesso ao sagrado e rompo com paradigmas da instituição religiosa. Escrevo sobre a trama mítica entre a arte e o sagrado, perpassando o mito das santas francesas Teresa do Menino Jesus e Joana d'Arc e apresento os pontos de contato de minha trajetória artística com Teresa, dentro e fora da academia.

- **Portal Noviciado – Em estado de f(r)icção corpo/máscara**

No segundo portal se evidencia a relação

com o sagrado, os pontos de embate – ruídos – entre a teoria e a prática da vida religiosa e os seus desdobramentos perpassarão o trajeto. Estados de sacrifício e sua relação com o sagrado. O mito e o rito dentro do processo de (re)construção do sagrado.

- **Portal Juniorato - Das sutilezas da arte do encontro**

No quarto portal, transcorrerei sobre o processo de criação da performance no que tange à aplicação dos procedimentos da Mitodologia em Arte. Apresentarei reflexões sobre os laboratórios e registros do caderno de artista.

- **Portal Profissão perpétua – Tomai todos e comei este é o meu corpo**

É no quinto e último portal desta escrita que celebrarei a corporificação do mito Santa Teresa do Menino Jesus. Neste portal reflexões sobre a performance Thérèse serão apresentadas. Aqui se dá a etapa de desfecho, quando me volto aos procedimentos mitodológicos e pontuo as ações de partilha e soma.

Pelo exposto, identifica-se uma pesquisa de mestrado com prática cênica, em andamento, que resultará no solo intitulado Thérèse. Via os procedimentos mitodológicos, onde está calcada

a presente pesquisa, não se tem por objetivo representar a vida da santa, mas sim, atuar sobre o mito a partir de um processo de f(r)icção com a mitologia pessoal dessa artista.

Em consonância com as etapas da vida da irmã Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, empresto corpo e voz ao solo intitulado Thérèse. Transitarei por cinco fases da vida religiosa, que as reconheço nos portais elencados. Portais são passagens, fluxos, travessias. Na formação de uma freira, cada experiência dá condição de atravessar um novo portal, avançar uma graduação. Para tanto, o SIM ao sagrado ali contido na mística da congregação é determinante para este seguir.

Dentro da construção da performance, enxergo que cada um dos portais se apresentarão numa ordem a ser desvelada dentro do processo de criação, a fim de conduzir a performer à pequena via pregada pela santa, que consistia no caminho de se chegar à santidade na vivência de quatro princípios: amor, confiança, humildade e abandono, mas que aplicando ao fazer artístico se estabelece na conexão do artista com o essencial (corpo e essência) para se alcançar o estado de graça, divino, de vivência inteira da máscara ritual de si mesmo. “Lutamos então para descobrir, experimentar a verdade sobre nós mesmos, rasgar as máscaras atrás das quais nos escondemos diariamente” (GROTOWSKI, 1971, p. 199)

A cada nova experiência em laboratório, identifico a ação / corpo para além do verbo. Ainda não há como precisar como dar-se-á a escrita de um possível texto dramático ou roteiro da performance, mas, certamente, estará contaminado pelos manuscritos autobiográficos da santa e pelas pulsões dessa artista, via os procedimentos mitodológicos.

De modo geral, a coluna da performance, em desenvolvimento, se materializa na travessia dos portais, podendo acontecer na ordem cronológica ou se entrecruzando. Somente o processo de construção e investigação poderá determinar a construção de uma dramaturgia.

ESTOU À PORTA E PEÇO ENTRADA, THÉRÈSE!

A travessia rumo ao desvelar do mito da santa começou em março de 2015. Os primeiros experimentos se deram a partir da disciplina de Poética e Teatro, ministrada pelo Prof. Dr. Robson Haderchpek¹³, durante o primeiro semestre do mestrado, na UFRN. Desse primeiro contato, surgiu a necessidade de investigar mais e mais o meu corpo em Thérèse. Com o aceite ao meu pedido, o Prof. Robson conduziu importantes laboratórios de criação, apontando para um olhar ritualístico sobre a santa em questão. Com o estímulo inicial dado pelas fotografias da Irmã Teresa, trafegamos sob a poética dos quatro

elementos (terra, fogo, água e ar) buscando compreender a santa como uma mulher de carne e osso.



Imagem 2: Acima, Teresa encenando Joana d'Arc no Carmelo, em Lisieux, 1895. Fonte: Visages de Thérèse de Lisieux (vlt), edições do Ofício Central de Lisieux. Abaixo, a artista-pesquisadora Karla Martins, em laboratório, na Universidade do Rio Grande do Norte, 2015. Foto: Robson Haderchpek.

Em seguida, os laboratórios foram assumidos pela Prof. Luciana Lyra, que reconhecendo o

trajeto da pesquisa em andamento, introduziu, paulatinamente, os procedimentos metodológicos ao processo de criação, estimulando, nesta artista-pesquisadora, a eclosão de tantas outras pulsões. Entendi, pois, que mergulhar no outro – Teresa – revela potencialidades de um eu, por ora, (des) conhecido. Não interessando ao complexo de procedimentos da Metodologia em Arte a mera representação de imagens pré-concebidas, mas sim, o acesso a um teatro das profundezas, do que há de mais genuíno no coração do coração do artista.

Esse olhar para além da superfície nos permite, enquanto artistas-criadores, acessar camadas singulares do campo/mito pesquisado. Quando observamos as fotografias de Teresa vestida de Joana d'Arc, não associamos à imagem de uma freira carmelita enclausurada, do final do século XIX. Não obstante, testemunhamos uma ressignificação do claustro, um abandonar das vestes religiosas, uma atua sobre a máscara de Joana. A *performance*, no que se refere ao enfoque e mensagem a ser transmitida, se estabelece, como também a ruptura de paradigmas da época.

Por fim, a arte, em mim, assume o papel de atravessamento. Quando f(r)icciono Karla / Teresa / Joana, não invento possibilidades, mas enxergo o eu no conjunto de tantas outras mulheres de minha ancestralidade. Desvelo, aos

poucos, uma Santa de um outro tempo, encarnada nas figuras não só de Joana d'Arc, mas em Teresa d'Ávila e Catarina de Sena. Não a imagem da frágil Teresinha de Jesus, mas a Teresa mulher, forte, empoderada, capaz de transformar sua dor em flor, sua arte em cura.

NOTAS

¹ Livro compilado com base nos escritos de Santa Teresa de Lisieux, a partir do livro História de uma alma, dos manuscritos autobiográficos e de outros escritos da santa. (STOCKER, 2000, p.13).

² [...] período de tempo em que uma pessoa está entre identidades pessoais. É durante a fase liminar que o trabalho real dos rituais de passagem toma lugar. Nesse momento, ocorrem as transições e transformações especialmente demarcados. Na fase liminar, as pessoas internalizam suas novas identidades e iniciam-se em seus novos poderes. (LYRA. Luciana.2015, p. 93-94).

³ Nascida no vilarejo de Domrémy, França, no dia 6 de janeiro de 1412. Joana, heroína francesa da Guerra dos Cem Anos, travada entre a França e a Inglaterra, foi beatificada em 1920 e hoje é a Santa Padroeira da França.

⁴ O mito-guia na Mitodologia em Arte tem o status do mito-diretor na obra de Gilbert Durand na organização de sua Mitodologia.

⁵ Nome recebido por Teresa, depois de sua

tomada de hábito, em 10 de janeiro de 1889.

⁶ Pessoas que se identificavam com a proposta de vida consagrada e desejavam aprofundar a experiência na Congregação.

⁷ Eram momentos de lazer onde o canto, a poesia e o teatro eram cultivados nos mosteiros carmelitanos, especialmente, através de peças paralitúrgicas ou autos sacros, que apresentavam, para entretenimento espiritual e edificação da comunidade-plateia, cenas religiosas com uma dramatização própria da época. (CAVALCANTI, 2002, 654).

⁸ Nasceu na França, em 1921, conhecido por seus trabalhos sobre o Imaginário e Antropologia. Lecionou filosofia e fundou o Centro de Pesquisas sobre o imaginário, uma referência mundial na área.

⁹ Fundadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, no ano de 1975, na Fundação Joaquim Nabuco (Recife) e está instalado, desde 1992, no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

¹⁰ Esta divisão faz referência direta à formação na Congregação das Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus, onde a artista-pesquisadora conviveu como vocacionada.

¹¹ Rito temático no estímulo à elaboração de um traçado apontando mortes simbólicas ou reais vividas ao longo da vida pessoal de cada atuante, experienciado em movimentos corporais. (LYRA, p.186, 2011)

¹² Fase que se estrutura, geralmente, após os procedimentos de A Mística e da I Jornada Artetnográfica no processo mitodológico, e na qual

existe uma experiência de ensimesmamento do atuante por meio de diversos ritos, que seguem os princípios dos jogos dramáticos infantis. (LYRA, p. 358, 2011)

¹³ Professor do Curso de Graduação em Teatro e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Atualmente desenvolve uma pesquisa acerca dos princípios ritualísticos da cena e trabalha ativamente na área de Teatro estabelecendo um diálogo constante entre as práticas artísticas da academia e o cenário teatral contemporâneo.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990. 242 p.

COHEN, Renato. *Performance como Linguagem – Criação de um espaço-tempo de experimentação*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 176 p.

DAWSEY, J. C. *Victor Turner e a antropologia da experiência*. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 13, ano 14, p. 163-176, 2005.

DURAND, Gilbert. *A estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 551 p.

DURAND, Gilbert. *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1977. 181 p.

GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um Teatro Pobre*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. 220 p.

JESUS, Teresinha de. *História de uma alma – manuscritos autobiográficos*. São Paulo: Paulus, 1986. 339 p.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. *Da artetnografia; máscara-mangue em duas experiências performáticas*. 2013. Relatório (Pós-doutorado em Antropologia), FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, 2013. (não publicado)

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. *Guerreiras e Heroínas em processo: Da artetnografia à Mitodologia em Artes Cênicas*. 2010. Tese (Doutorado em Artes), Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2011.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. *Mito Rasgado; Performance e Cavalinho na cena in processo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Artes), Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 2005.

OTTO, Rudolf. “O sagrado”. *Perspectivas do homem*. Lisboa: Edições 70. 1992. 323 p.

PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005. 106 p.

STOCKER, Monika-Maria. *Teresa de Lisieux 1873-1897: aventura de um grande amor*. São Paulo: Musa Editora, 2000. 189 p.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 199 p.

* KARLA LIDIANE COSTA MARTINS SILVA é Mestranda em Artes Cênicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de extensão, pesquisa e criação em arte Mito, Rito e Cartografias Femininas na Arte, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: karlamartins.arte@gmail.com

** LUCIANA DE FÁTIMA ROCHA PEREIRA DE LYRA é Atriz, performer, dramaturga, encenadora e professora na área das Artes Cênicas. Docente adjunta efetiva do Departamento de Arte e Cultura Popular e do Programa de Pós-Graduação em Artes, no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente colaboradora do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e orientadora de mestrado de Karla Martins. E-mail: lucianalyra@gmail.com